

Entre palavras e pontos:

Pombagiras e o feminino ancestral na linguagem da resistência

Ana Laura Mota de Brito

Nara Hiroko Takaki

RESUMO: Este artigo apresenta análises de pontos cantados de Pombagiras e relatos de praticantes de religiões de matriz africana, alguns retirados da obra *Pombagira, a Deusa: Mulher igual você*, de Alexandre Cumino, publicado em 2019 pela editora Madras, com o intuito de desconstruir estereótipos historicamente associados às Pombagiras e, por conseguinte, à mulher brasileira, herança da colonização europeia e de sua cultura de hierarquização (González, 2020), que instituiu papéis generificados (Oyèwùmi, 2020) que subjagam o feminino e limitam sua potência simbólica e social. A pesquisa fundamenta-se em referenciais dos estudos de gênero e raça, bem como em epistemologias decoloniais comprometidas com a valorização de saberes ancestrais. O artigo conclui que as práticas religiosas afro-indígenas brasileiras e seus signos sagrados, como as Pombagiras e os Exus, configuram-se como fontes legítimas para a produção de conhecimento e para a análise crítica de questões histórico-sociais, como o feminismo, a história da mulher brasileira e as relações de gênero em contextos interseccionais.

Palavras-chave: Pombagira. Ponto cantado. Feminismo.

ABSTRACT: This article presents analyses of Pombagiras chants (pontos cantados) and stories from practitioners of African-based religions, some are taken from the work *Pombagira, a Deusa: Mulher igual você* (Pombgira, the Goddess: Woman Like You), by Alexandre Cumino, published in 2019 by Madras. The aim is to deconstruct stereotypes historically associated with Pombagiras and, consequently, with Brazilian women, a legacy of European colonization and its culture of hierarchization (González, 2020), which instituted gendered stereotypes (Oyèwùmi, 2020) that subjugate the feminine and limit its symbolic and social power. This research is grounded in frameworks of gender and race studies, as well as decolonial epistemologies committed to the valorization of ancestral knowledge. The article concludes that Brazilian Afro-Indigenous religious practices and their sacred symbols, such as the Pombagiras and the Exus, constitute legitimate sources for the production of knowledge and the critical analysis of historical and social issues, such as feminism, the history of Brazilian women, and gender relations in intersectional contexts.

Keywords: Pombagira. Ponto Cantado. Feminism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou Pombagira Sete Saias
Tomo conta e presto conta
Falo coisas que não lhe agradam
Mas vocês não se dão conta
Que nesse mundo desgraçado
A mulher nunca tem vez
Sendo puta ou sendo santa vou falar pra vocês
A puta trabalhadora, a puta mulher de si
A puta mulher da zona e a puta que te faz rir
A puta do cabaré, mulher de 7 maridos
Tem também a puta livre que não se curva pra fodido
No passado me queimaram a mulher da bruxaria
Hoje volta destemida, mas dizem que é putaria
No passado no cabresto, hoje volta rebelada
Se tu não me conhece, eu sou o diabo de saia
Pode me chamar do que quiser, se é de puta ou de mulher
Sou Pombagira de fé e represento o meu axé
Sou Sete Saias
Sete Saias
Da putaria Sete Saias
Da bruxaria Sete Saias
Ela é o diabo de saia (A trajetória [...], 2024, 3 h 31 min 58 s).

A sociedade brasileira, construída a partir da colonização europeia, foi moldada pela junção e subjugação de várias culturas, afetando todas as esferas socioculturais e criando uma estrutura social dicotômica que se baseia em opressor e oprimido: branco e não-branco, homem e mulher, heterossexual e homossexual, eficiente e deficiente, cristão e não-cristão, escrita e oralidade, urbano e rural, além das questões de classe.

Levando em conta os aspectos interseccionais, neste artigo será criticada a dualidade homem e mulher, percebida não só no Brasil, mas repetida em todas as sociedades afetadas pelo colonialismo europeu. Dualidade vinda da ideologia do determinismo biológico como forma de organização social, ditando os papéis exercidos e baseados no gênero, ou *a priori* no sexo, já que o gênero é por si só a materialização do determinismo biológico. Tal determinismo é inexistente em algumas sociedades africanas, como a Iorubá (Oyěwùmi,

2020), que, além das europeias e indígenas, é uma das sociedades africanas que participam do cruzamento cultural existente no Brasil (Simas, 2021).

Sabendo das especificidades variadas que carrega o grupo “mulher”, é nesse contexto tanto de opressão em relação aos homens, quanto de raízes culturais europeias patriarcais e não-europeias, que surge a “mulher brasileira” e, consigo, uma infinidade de papéis generificados (Oyěwùmi, 2020) e estereótipos que não condizem com a pluralidade humana e situada. A partir disso, ir contra esses papéis generificados é ir contra uma estrutura religiosa e patriarcal que oprime e demoniza o feminino, colocando a mulher em dois extremos: santa ou puta (Cumino, 2019). Cada um desses extremos carrega estereótipos específicos que subjagam e oprimem o feminino.

É também nesse contexto cultural e religioso que nascem as Umbandas, entre outros ritos afro-indígenas brasileiros (Simas, 2021), e com eles, a Pombagira. Queremos pontuar que, ao falarmos da história da(s) Umbanda(s) neste artigo, não estamos nos referindo à Umbanda de Zélio Fernandino de Moraes de 1930 (conhecido como o “fundador” da Umbanda), mas aos ritos que já aconteciam anteriormente e foram ignorados como uma tentativa do kardecismo e cristianismo de “desafricanizar a Umbanda” (Simas, 2021, p. 98), religião principal para a análise que será feita.

A Pombagira é uma entidade espiritual feminina que nasce do culto à ancestralidade, vista nas Umbandas e Quimbandas, que são tradições religiosas brasileiras de matriz africana ou afro-indígena, cada uma com cosmologias e práticas específicas. A Umbanda caracteriza-se pela síntese entre elementos das religiões afro-brasileiras, do catolicismo popular, por questões históricas do sincretismo, e de saberes indígenas, estruturando-se no culto a divindades e entidades espirituais que atuam para aconselhar, curar e orientar. A Quimbanda, ainda que frequentemente confundida ou estigmatizada, constitui um sistema religioso próprio, voltado sobretudo para o trabalho com Exus e Pombagiras, que são vistos também em algumas casas de Candomblé, uma religião afro-brasileira com forte raiz africana, especialmente iorubá, centrada no culto aos Orixás, divindades ancestrais. Portanto, por seu caráter ancestral, falar de Pombagiras é falar da própria mulher brasileira. Todo o estigma carregado pelas mulheres cai sobre as Pombagiras (Cumino, 2019), em

especial aquelas mulheres que se enquadram na categoria de puta, ou seja, que não se enquadram nos padrões de mulher submissa e domesticada idealizados pela cultura judaico-cristã (Cumino, 2019).

Vale pontuar que o termo Pombagiras, no plural, existe por se tratar de uma ampla quantidade de espíritos divididos em falanges, como: Rosinha, Rosa Caveira, Sete Encruzilhadas, Maria Padilha, dentre outras centenas. Cada um desses nomes representa uma falange que pode ser subdividida como: Maria Padilha do Cabaré e Maria Padilha do Cruzeiro das Almas. Mesmo amplamente, ou nas subdivisões, ressaltamos que a falange se dá por vários espíritos responderem por esse nome, identificando-se como um ou outro pela semelhança na forma com que trabalham no mundo espiritual e físico. O mesmo ocorre com a contraparte masculina das Pombagiras, os Exus. Algumas falanges populares de Exus são: Tranca Ruas, João Caveira, Marabô, Tiriri, entre outras. Novamente, não se trata de apenas um ser espiritual para cada nome, mas de diversos, com missões semelhantes e também específicas, como a relação individual de cada um com seu próprio médium. Portanto, dois médiuns de Maria Padilha, ainda que ambas sejam do Cruzeiro das Almas, não necessariamente possuem a mesma Pombagira, embora possa acontecer.

Quando chamamos essas entidades de espíritos, fazemos isso porque, segundo as tradições que as cultuam, todas elas já viveram como pessoas encarnadas em algum momento. Assim, ao falar das Pombagiras, não tratamos apenas de seres espirituais, mas também de trajetórias humanas que atravessam a formação social do Brasil. Por isso, discutir Pombagiras é, de certa forma, discutir capítulos da história brasileira.

A hierarquização ibérica e, portanto, as ideologias de classificação social herdadas pelo Brasil (González, 2020) são tão presentes que surgem estereótipos de como a mulher santa age, assim como a mulher puta. A partir disso, criou-se uma generalização de como é uma Pombagira, de como deu sua vida encarnada, quais são os dilemas com os quais essas entidades lidam em terreiros¹ e até mesmo da aparência física que elas deveriam ter para se enquadrar em uma ideia de “Pombagira ideal”. Ou seja, ainda que essas religiões sejam

¹Nomenclatura para templos de religiões afro-brasileiras.

religiões de matriz africana, elas ainda carregam traços da socialização cristã patriarcal brasileira (Cumino, 2019).

Tendo em vista as questões levantadas, além da análise bibliográfica feita para a construção das discussões abordadas, o artigo vai buscar desconstruir alguns estereótipos e contar a história da mulher brasileira com a análise de pontos cantados², que são meios pelos quais as entidades espirituais de Umbanda (entre outras religiões) trazem fundamentos, de maneira cantada, de Pombagira. Também serão usados relatos de médiuns que trabalham com Pombagiras, entre eles, alguns encontrados no livro *Pombagira, a Deusa: Mulher igual você* de Alexandre Cumino, publicado em 2019.

A pesquisa tem o intuito de demonstrar a pluralidade dessas entidades e, por conseguinte, da própria mulher, além de ampliar epistemologias plurais valorizando saberes orais ancestrais. A escolha dos pontos como fontes primordiais da análise está amparada numa perspectiva que embala performatividade e percepção da complexidade.

Trazer Pombagira para pensar questões femininas é sobretudo dar ouvidos a ela, muito mais do que qualquer pretensão de dar voz, é abrir a escuta e ceder o corpo. Essa potência feminina existe, pensa, fala, se manifesta para muito além de nós e de nossas tentativas conceituais. Não se encaixa Pombagira, qualquer tentativa nesse sentido seria limitada, por seu caráter imenso e múltiplo. Ela dá o tom na gira, assim nos posicionamos para ouvir, apostando em caminhos em encruzilhadas, pontos cantados, ritos e suas manifestações diversas (Rufino; Zaleski, 2012, p. 146).

Portanto, os pontos cantados serão usados como contranarrativa aos estigmas carregados pela(s) Pombagira(s). Exercitar a escuta sensível e se abrir para as diferenças correlacionadas às entidades e, dessa forma, às ancestralidades femininas brasileiras, compõem como possibilidades de criação de espaço para as diversidades. Como argumentam Rufino e Zaleski (2021), os pontos cantados estão entre um dos meios de manifestação das Pombagiras.

²São cantigas passadas oralmente, dificilmente com autoria conhecida. As cantigas referenciadas neste trabalho foram coletadas majoritariamente por meio da experiência pessoal da autora 1.

MEMÓRIAS DO BRASIL PELAS MARIAS

É uma casa de pombo
É de Pombogira
AUÊ, AUÊ, AUÊ, AUÊ
AUÊ, AUÁ Pombagira é Mojubá.

Antes de chegar à questão principal deste artigo, decidimos usar um ponto, a fim de demonstrar alguns nomes que essas entidades podem carregar e sua razão etimológica. No ponto cantado “É uma casa de pombo”, é usado tanto o termo *PombOgira*, quanto *PombAgira*, ambos vindos dos cultos bantos Angola-congoleses *Bombojiro* ou *Bombojira*, a faceta feminina de *Mavambo*, o dono das encruzilhadas, que remete ao Exu da cultura Iorubá (Rufino; Simas, 2018), o Orixá que por sua vez impactou o nome do Exu entidade, e o lado masculino da Pombagira. Para contextualizar, o Exu Orixá se trata de uma divindade iorubá, enquanto o Exu entidade é um espírito que já foi humano, um ancestral brasileiro. Todas essas forças: Bombojira/Mavambo, Pombagira, Exu entidade e Exu Orixá compartilham nomes pela assemelhação histórica e pela relação de todos eles com as encruzilhadas/caminhos.

O foco deste artigo não é a relação entre essas duas forças (Pombagiras e Exus entidade), diferentes mas complementares. Entretanto, é importante ressaltar que a relação dualística de submissão feminina em relação à masculina não é vista entre Exus e Pombagiras, como explicado na citação a seguir:

É interessante frisar, no entanto, que não se encontrou nos terreiros estudados qualquer hierarquia ou subordinação entre o feminino e o masculino. Pelo contrário, há uma declarada insistência em dizer que se trata de forças diferentes, ‘mas uma não é mais do que a outra’, como diz a mãe de santo Cláudia, e para o bem-estar do terreiro e dos sujeitos, devem ser trabalhadas em equilíbrio (Bairrão; Barros, 2015, p. 137).

Ainda que essa dinâmica não exista em relação aos Exus, o feminino ainda sofre de estereótipos enraizados na cultura patriarcal, que não só recaem sobre as Pombagiras, mas também nas histórias que emergem a partir delas.

Voltando às questões acerca da linguagem, as autoras Pedrotti e Severo (2024), a partir de uma perspectiva cosmopolítica, chamam a língua de fenômeno ancestral

Revista Sede de Ler - v.15 n.1 (Fluxo Contínuo - jan/dez de 2025) | ISSN 2675-200X

encantado, inspiradas na ideia de fenômeno assombrado de Deumert (2022), pois cada detalhe que constrói uma língua são partículas de várias outras vozes ancestrais: sotaques, expressões, cantos. (Pedrotti; Severo, 2024). É também por essa razão que o ponto cantado é escolhido como maneira de representar a história feminina brasileira (por meio da Pombagira) pois, ainda que a análise seja feita por uma interpretação que não leve em conta os aspectos espirituais ou religiosos, existe em cada palavra a voz ancestral brasileira e, portanto, a interação do passado e presente, “encantamento” semelhante à linguagem dos tambores que também carregam e contam histórias.

Rufino e Simas (2018) apresentam a ideia de “gramática do tambor”, no qual os tocadores de atabaque, instrumento de muita importância nas ritualísticas afro-brasileiras, precisam saber distintos toques para determinados orixás, ou momentos da gira. Os atabaques também integram a musicalidade dos pontos cantados, que, entre outras funções, evocam as histórias das entidades tanto em vida quanto após a morte. Essa capacidade de comunicação se relaciona ao ponto riscado que é feito na força da pomba (giz branco), em desenhos que expressam fundamentos relacionados à entidade que os fez, enquanto o ponto cantado opera na força do efó, isto é, no poder de encanto presente na fala, na palavra e no hálito (Rufino, 2019). Ambas são formas de manifestação das entidades e de narração de suas trajetórias, como no ponto apresentado a seguir:

O povo queria matar uma mulher
O padre não concordou
E a rezou com muita fé
Ele era pecador
E na fogueira queimou junto
Foi parar lá no inferno
Aquele casal de defunto
Ela se juntou a cinzas
Gargalhou a luz da lua
A mulher virou Mulambo
E o padre seu Tranca Ruas
Foi condenada
Pela lei da inquisição
Para ser queimada viva
Sexta-feira da paixão
O padre rezava
E o povo acompanhava

Quanto mais o fogo ardia
Ela dava gargalhada

Nesse ponto cantado é trazida a história de uma das Pombagiras da falange de Maria Mulambo. É contado seu assassinato (pela lei da inquisição) e que, em seu processo de desencarne, veio a se tornar parte de uma falange de Pombagiras. E também se refere à morte de um padre visto como pecador por defender essa suposta bruxa, que, ao desencarnar, tornou-se um Exu na falange de Tranca Ruas.

Para reforçar a ideia do que são falanges, trazemos a citação a seguir: “[...] Falange na umbanda significa o conjunto de espíritos ‘que exercem influência dentro de uma mesma linha’ ou de um mesmo grupo que possui afinidades em termos vibratórios ou, ainda, quanto à sua origem [...]” (Barros, 2006, p. 18), compartilhando do mesmo nome. Portanto, ainda que façamos referência a uma Pombagira específica como a Maria Padilha, é necessário entender que existem vários espíritos que respondem por esse nome (a falange) e que não necessariamente compartilham da mesma história e vida, como explicado na introdução deste artigo.

Muitas falanges de Pombagiras usam o nome Maria, a saber: Maria Padilha, Maria Mulambo, Maria Farrapo, Maria Quitéria, dentre outras. Esse é um dos motivos de se referirem às Pombagiras como Marias, como no ponto cantado:

É Maria Farrapo, Maria Padilha, Maria Mulambo, Maria Mulher
Maria Navalha, Maria Quitéria, Maria Mulambo, Maria Mulher
Na família da Maria
Só não entra quem não quer
Na família da Maria
Só não entra quem não quer
Maria Padilha, Maria Quitéria, Maria Figueira, Maria Mulher
Maria Farrapo, Maria Padilha, Maria Mulambo, Maria Mulher
Salve as Marias

Com isso fica evidente a pluralidade que se encontra dentro do termo “Pombagira”. Sua apreensão generalizada, com base em estereótipos, parte não somente de ignorância, mas também do machismo estrutural que molda como uma mulher deveria ser, até mesmo quando ela não se submete aos papéis generificados.

Alguns dos estereótipos que carrega o arquétipo de Pombagira são de que todas elas são jovens, belas e sensuais que, em vida, foram prostitutas. Embora em alguns casos seja verdade, por conta da multiplicidade de vidas que elas carregam e representam, a liberdade sexual e a não submissão das Pombagiras acabam por enquadrá-las nos estereótipos de prostituição e jovialidade que as distanciam, por exemplo, de uma senhora idosa, como é o caso das Pombagiras da falange de Cacurucaia:

Rainha e moradora da Calunga
Senhora mestra na Quimbanda
Amarra meus inimigos na ponta do cipó
Mas não brinque com ela,
Que ela não tem pena, ela não tem dó
Ela não falha, ela não dá falha,
Não existe inimigo invencível que não caia!
ela não falha, ela não comete falhas
não existe inimigo na mão dela que não caia!
Senhora Cacurucaia,
Cacurucaia do inferno,
Com 7 velas te levanto,
Com uma vela só te enterro.

Todavia, existem Pombagiras idosas em diversas outras falanges que nem sempre são conhecidas por serem idosas, como é focalizado no ponto a seguir de Maria Quitéria:

De dia uma velha caridosa
De noite uma bruxa velha feiticeira
Oh, Saravá Maria Quitéria
Oh, Saravá o homem da amendoeira

A sensualidade, muito conectada às Pombagiras, também as distancia da ideia de maternidade. No livro *Pombagira, a Deusa: mulher igual a você*, de Cumino (2019), há vários relatos de médiuns com suas Pombagiras. Em um deles, o médium Cristiano Nascimento (2019) conta sobre seu desenvolvimento mediúnico com sua Pombagira. Durante o relato, a Pombagira descreve sua última encarnação em que engravidou antes do casamento, e devido às normas sociais da época, foi forçada por sua família a abortar, vindo a falecer após isso. Ao terminar de contar sua história em vida, a entidade revelou seu nome espiritual: Maria Sete

Saias da Praia, e afirmou ser sua Pombagira e guia espiritual, pois em vida não pôde cuidar dele. Segundo a entidade, ela era sua mãe e ele, o bebê que não pôde ter.

Os pontos e relato levantados reiteram que, apesar da generalização conectada ao arquétipo de Pombagira, elas são plurais. Muitas vezes em suas vidas encarnadas eram mulheres comuns, mães, filhas, jovens ou idosas que sofriam de dilemas análogos aos das mulheres da atual sociedade brasileira.

A ancestralidade trazida pelas Pombagiras aponta para as dores da agressão moral, física, psicológica e sexual, bem como para a resiliência feminina do Brasil (e de todo o passado que o constrói). O feminicídio também é pautado em histórias ditas por meio dos pontos cantados. A Pombagira Sete Saias da *Mama*³, Sabrina, trouxe em um de seus pontos a seguinte história:

Condenada,
Traída e morta,
Por um homem desalmado,
Hoje eu virei rainha
E fiz dele um
Desgraçado (A trajetória [...], 2024, 2 h 35 min 35 s).

Até mesmo o abuso e exploração infantis são relatados em pontos cantados. Essa dor específica é comumente trazida por Pombagiras que se apresentam com uma imagem infantil/jovial (geralmente relacionada à vida encarnada desses espíritos), representada muitas vezes pela Pombagira Menina, que traz em seus pontos cantados tanto sua *não* domesticação, quanto suas dores.

Quando eu era pequenina
Fui barrada
Na entrada da porta de um cabaré
Menina volta pra casa
Aqui não entra criança, aqui só entra mulher
Viva aleluia
Viva aleluia
Ela deixou de ser criança
E hoje é dona da rua

³Sacerdote feminina de Quimbanda, religião afro-brasileira.

Segundo o candomblecista Doté Luiz de Iansã (2018), em um vídeo postado no Youtube em sua homenagem:

Esse ponto retrata o lado infantil de toda Pombagira, o lado inocente de cada uma delas, porque elas não nasceram Pombagiras, nasceram meninas inocentes, nasceram meninas ingênuas, meninas puras. Esse ponto trata hoje das meninas que são comercializadas sexualmente [...] esse ponto mostra que essas meninas até podem ser devoradas pelo lobo, mas um dia, um dia elas voltam, voltam soberanas [...] (TRIBUTO [...], 2018, 45 min 16 s).

A observação de Doté Luiz de Iansã (2018) evidencia que ao falar dessas histórias não se fala somente do passado, mas também do presente. Portanto, a importância dessas entidades dentro das casas de Axé⁴ que as cultuam, em especial, no trato com outras mulheres e meninas, é inegável. Resumir essas entidades ao lido com questões puramente amorosas é ignorar todo o potencial e importância de uma Pombagira.

ABRE A RODA E DEIXA A POMBAGIRA TRABALHAR

Abre a roda e deixa a Pombagira trabalhar
Mas ela tem, ela tem peito de aço, ela tem peito de aço
e o coração de sabiá
Mas ela tem, ela tem peito de aço
Ela tem peito de aço e o coração de sabiá

Assim como os Exus, Pombagiras trabalham nas encruzilhadas, na conexão entre o mundo espiritual e material, são guias e guardiães espirituais ligadas à abertura de caminhos e a “solução” de questões diversas, entre elas, a amorosa (Salvador, 2024). Pombagiras, em sua grande maioria, de fato gostam de lidar com questões amorosas, e vários pontos cantados ressaltam essa habilidade, entre eles:

Foi no dia que eu chorei
E chorava por amor
Quando em meu ombro alguém tocou
E as minhas lágrimas do rosto enxugou
Era uma linda mulher de um perfume tão bom
Com sua doce voz ela falou
Não chore mais
Maria Padilha chegou

⁴Nomenclatura para templos de religiões afro-brasileiras.

Foi ela quem me consolou
Quando falou Maria Padilha chegou

Entretanto, isso não significa que todas gostem de lidar com essa área. Muitas preferem trabalhar com o amor-próprio, resgate de autoestima, a abertura de caminhos financeiros, e questões atinentes às injustiças, como no ponto também de Maria Padilha:

Botei seu nome no sino da capela.
À meia noite eu rezava nela.
Eu rezava num caixão todo preto
Meus inimigos nunca mais terão sossego.
Ao meio dia quando o sino batia
Nos seus olhos lágrimas escorriam
Eu não tenho pena, não tenho compaixão
Quem me deve pagando não me deve mais não.
Belém, blem blom
O sino batia!
Belém, blem blom
Catacumba gemia!
Belém, blem blom
Cruz credo Ave Maria
Belém, blem blom
Maria Padilha sorria

O narrador conta rezar por Maria Padilha para que seus inimigos prestassem contas pelas injustiças cometidas com ele. Essa “prestação de contas” pode ser usada em relação a vários tipos de injustiças “solucionadas” por essas entidades que, acima de tudo, são guardiãs de seus médiuns e a quem clama por sua ajuda, como no ponto cantado:

Pombogira
Se tu és uma rosa
Que floresceu sob um monte de espinhos
Ô Pombogira abre os meus caminhos

Esse ponto traz uma súplica a essa entidade das encruzilhadas para o abrimento de caminhos que é usualmente relacionado aos Exus. Exus (nesse caso sendo referenciado às entidades e não ao Orixá) também tem seu arquétipo afetado pelas percepções ocidentais de papéis de gênero dentro das religiões, dissociado de questões sentimentais e românticas.

Entretanto, alguns pontos sinalizam que eles são buscados por esses motivos também, como no ponto do Exu Tranca Ruas citado a seguir:

Eu amei alguém mas esse alguém
Não amava ninguém
Eu amei o sol
Eu amei a lua
Lá na encruzilhada
Eu adorei seu Tranca Ruas

Portanto, assim como as Pombagiras, os Exus não podem ser enquadrados em padrões comportamentais baseados em papéis de gênero.

Em outro relato do livro de Cumino (2019), uma das participantes, a médium Cirlene Rosa (2019), descreve que, antes de começar a se desenvolver com sua Pombagira mediunicamente, sempre ouvia dizer que elas trabalhavam para unir pessoas, usando de amarrações e feitiços, sem escrúpulos para atingir o que queria e que, para ela, isso significava ser uma “boa Pombagira”. Rosa (2019) diz ter se surpreendido ao perceber que, trabalhando com sua Pombagira, ela nem sequer falava sobre essas questões, focalizava suas magias em amor-próprio, confiança e quebra de dependência emocional.

A falta de escrúpulos citada pela médium, anteriormente, é uma concepção errônea e muito comum imputada a esses dois arquétipos. Isso é resultado da demonização cristã/kardecista de Exus e Pombagiras que não representa exatamente os conceitos de moral, os quais são, sim, presentes nessas entidades.

ESSA MARIA NÃO É A MADALENA

Apesar da fama de imoralidade difundida em relação aos Exus e Pombagiras, existem tanto relatos de médiuns quanto pontos cantados que demonstram que esses guardiões carregam seu próprio conceito de moral e justiça, o qual pode não se assemelhar às práticas cristãs, mas existe. Especialmente médiuns das religiões que os cultuam relatam possíveis punições, se agirem de maneira inadequada. *Bàbálórìsà*⁵ Irewole se posiciona:

⁵Sacerdote masculino de Candomblé, entre outras religiões afro-brasileiras.

Exu não tem moral? Claro que Exu tem moral! A minha Pombagira se eu traio a minha esposa amanhã ela vai querer me agredir... Se ela tá ali para me auxiliar a concluir um destino bom para minha vida, como que ela não vai ter moral? [...] Se ela sofreu com traição, como é que você vai querer que essa Pombagira traga uma outra mulher pra sua vida sendo que você é casado? [...] (Os mistérios [...], 2025, 1 h 12 min 8 s).

A questão da traição, nesse caso, seria vista como um desrespeito à esposa. Pedir uma outra mulher a uma Pombagira, durante o casamento, seria uma forma de desrespeitar a mulher com quem se está casado, coisa que, para a Pombagira dele, é imperdoável, demonstrando que ela tem moral, ainda que do âmbito pessoal, já que se relaciona com a vida, enquanto encarnada, dessa Pombagira.

Ter moral não significa ser moralista. Conforme Cumino (2018), Exu não é moralista. E não ser moralista é o que o diferencia dos conceitos de bondade e maldade cristãos, no qual os pecados são pecados independentemente das nuances. Exus e Pombagiras são entidades justas: “[...] Exu mostrou duas coisas: que seu trabalho não tem preço, não está à venda, e que não compactua com a falsidade ou a mentira. Se algo não está bom em sua vida, converse, conserte, entenda, descubra, medite, brigue, esbraveja, chore, ria, mas não fuja [...]” (Cumino, 2018, p. 121).

Para reforçar a ideia levantada pela citação de Cumino (2018), apresentamos dois pontos cantados da Pombagira, Maria Mulambo, com habilidade punitiva. Apesar da popularização da imoralidade de Exu e Pombagira, tais entidades carregam um certo senso de justiça.

Bruxa maldita
Quando ela vem a terra treme
Até calunga geme
Essa Maria, ela não é a Madalena
Maria Mulambo não tem pena
Ela não tem dó
Ela não tem pena
Quem apanha nunca esquece
E quem bate nunca lembra
Você errou ela fez magia
Pode clamar com Deus

Mas você quem chamou Maria.

Esse ponto cantado sinaliza que, é necessário ter sabedoria ao pedir auxílio dessas entidades, pois, se agir de maneira errada, que não vá ao encontro dos conselhos ou da atitude esperada, elas podem se tornar punitivas, tirando os bens que proporcionou a quem lhe pediu ajuda e por vezes substituindo-os por castigos dos mais diversos. Como no ponto cantado a seguir:

Maria Mulambo essa mulher ela é um Doce
Um doce, que pode azedar
Pra quem merece,
Faz o pouco virar muito
Se ela se zanga ela também pode tirar
Pra quem merece,
Faz o pouco virar muito
Se ela se zanga ela também pode tirar
Eu nunca vi caldeirão ferver sem fogo
Pra quem errou ela faz o muito virar pouco
Eu nunca vi caldeirão ferver
Quem nunca viu venha ver
Maria Mulambo faz a terra estremecer

Pombagiras, como nos pontos cantados de Maria Mulambo, têm a capacidade de ajudar ou destruir alguém, e também, como apontado por eles, essa capacidade não é usada em vão. Consideramos esses dois pontos fundamentais para salientar que há regras nessas práticas religiosas. Tais regras podem ser problematizadas, porque os pontos estabelecem uma divisão entre erro e acerto, punir e não punir etc., cuja decisão está centrada nas mãos das entidades. A punição, apesar de ter propósitos e meios diferentes dos vistos nas religiões cristãs, continua existindo.

Para finalizar este estudo, trazemos mais uma citação que exprime a impossibilidade de se enquadrar Pombagiras ou Pombogiras, Exus Mulher, Moças, Marias, Mulheres, dentre várias outras nomenclaturas, em padrões baseados em crenças sociais limitantes. Uma citação que indica que só é possível começar a compreender Pombagira quando se escuta Pombagira: “Pombagira não é o que você quer! Não é o que você acha. Você não a desvela, é ela que se revela quando quer” (Cumino, 2019, p. 56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi investigar de que modo as representações das Pombagiras contribuem para compreender construções de gênero e narrativas sobre a mulher brasileira. Para isso, o artigo percorre inicialmente debates teóricos sobre gênero, raça e epistemologias decoloniais, que sustentam a escolha metodológica de olhar para saberes ancestrais como fontes legítimas. Em seguida, o artigo apresenta a análise de pontos cantados de Pombagiras e de relatos de praticantes de religiões de matriz africana, incluindo trechos da obra *Pombagira, a Deusa: Mulher igual você*, de Alexandre Cumino (2019), com o intuito de problematizar e desconstruir estereótipos historicamente atribuídos tanto às Pombagiras quanto às mulheres brasileiras. Esses estereótipos, heranças diretas da colonização europeia e de sua lógica hierarquizante (González, 2020), produziram papéis generificados (Oyěwùmi, 2020), que restringem a agência e a potência simbólica do feminino.

A análise feita evidencia que os pontos cantados e os relatos de praticantes de religiões de matriz africana constroem uma contranarrativa aos estereótipos historicamente atribuídos às Pombagiras. Diferentemente das representações reducionistas que as associam exclusivamente à sedução, marginalidade, imoralidade, essas entidades e guardiãs, ao serem ouvidas, abrem espaços para outras perspectivas de leituras acerca de ancestralidades, como símbolos complexos de força, autonomia, sabedoria, resistência e empoderamento.

A partir de uma perspectiva feminista e de epistemologias periféricas, foi possível compreender como a atuação da Pombagira questiona normas patriarcais eurocêntricas que afetam até mesmo religiões afro-indígenas, reafirmando existências plurais femininas. Ainda, ressaltamos a importância da ocupação da mulher em espaços espirituais muitas vezes negados a elas em tradições religiosas hegemônicas.

Assim, este estudo reconhece as espiritualidades afro-brasileiras como potentes fontes de saber e contribui para o fortalecimento de giros epistemológicos plurais e situados, nos quais vozes historicamente silenciadas possam ser ouvidas, respeitadas, valorizadas, na promoção colaborativa de intervenções rumo a uma reconstrução social mais democrática.

REFERÊNCIAS:

A TRAJETÓRIA até chegar na quimbanda - Mama Sabrina - iné #536. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (4 h). Publicado pelo canal Isto Não É - Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/HYkbXYh-6FA>. Acesso em: 18 de jul. 2025.

BAIRRÃO, J. F. M. H.; BARROS, M. L. Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de “mulher”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. [s. l.], n. 62, 2015.

BARROS, C. A. **iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na umbanda**. 2006. Dissertação (Requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Ciência Da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2006. Acesso em: 16 jul. 2025.

CUMINO, A. **Exu não é o Diabo**. São Paulo: Madras Editora, 2018.

CUMINO, A. **Pombagira a deusa: Mulher igual você**. São Paulo: Madras Editora, 2023.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

OS MISTÉRIOS de Exu e Pombagira - Baba Irewole e Luan Lukese - isto não é #621. [S. l.: s. n.], 2025. 1 vídeo (3 h). Publicado pelo canal Isto Não É - Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PoIo4BjJAhY>. Acesso em: 19 de jul. 2025.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEDROTTI, A. S.; SEVERO, C. G. COSMOPOLÍTICA E A ESPECTRALIDADE LINGUÍSTICA DE EXU. In: JUNIOR, A. B.; BUZATO, M.; CAMOZZATO, N. M. **Pós-humano, novos materialismos e linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2024.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. **Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, L.; ZALESKI, C. Corre-Gira Pombagira: A política do saber das Marias no Ser Mulher. **ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS**. Eunápolis, Bahia: UNEB, n. 4, 2021.

SALVADOR, M. **Umbanda** - Sabedoria Dos Guardiões. Exú Meia Noite, Pomba Gira Maria Padilha Exú Tranca Ruas. São Paulo: UICLAP, 2024.

SIMAS, L. A. **Umbandas: Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TRIBUTO a Maria Padilha Doté Luis - *In Memoriam*. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (58 min.). Publicado pelo canal Tv Mojubá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oy3nLOxJep4>. Acesso em: 16 de jul. 2025.

SOBRE AS AUTORAS:

Ana Laura Mota de Brito é graduanda em Letras - Português e Inglês, com foco na área de Linguística. Interesse em epistemologias plurais, saberes orais ancestrais e feminismo. Atua em projetos de pesquisa voltados a valorização de linguagens e conhecimentos tradicionais, com ênfase em vozes femininas e espiritualidades afro-brasileiras. Atualmente finalizando o projeto de Iniciação Científica (PIBIC/UFMS) Entidades Espirituais Femininas Brasileiras, sob a orientação da Prof. Dra. Nara Hiroko Takaki.

Nara Hiroko Takaki possui graduação em Inglês e Português pela Universidade de São Paulo (1988), graduação em Licenciatura: Inglês e português pela Universidade de São Paulo (1989), mestrado em Letras modernas (Português e Inglês) pela Universidade de São Paulo (2004) e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2008). É professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguagem, interpretação, sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: letramentos críticos, decolonialidades, translinguagem, pós-humanismo. Líder do grupo de pesquisa Educação crítica, criativa e ética por Linguagens, Transculturalidades e Tecnologias. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da ANPOLL. Membro do Projeto Nacional de Letramentos (USP). Autora de *Leitura na formação de professores de inglês da rede pública: a questão da reprodução de leitura no ensino de inglês e de Letramentos na Sociedade digital: navegar é e não é preciso*. Coautora de *Letramentos em Terra de Paulo Freire e de Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens, de Educação crítica em línguas/linguagens em grupos de estudos, de Educação crítica de professores/as de linguagens e de Educação crítica de professore/as de linguagens (Olhares, agência e vivências)*.